

# DO FIM AO COMEÇO: a crise e os dias atuais



Jorge Dias\*



Cléssio Cruz Santos\*\*

É comum e notória a pronúncia do termo *crise* nos dias atuais, bem como ao nos voltarmos para a história recente e antiga da humanidade. Porém, aparentemente, não é de consciência geral o verdadeiro papel dessa palavra no contexto da evolução cultural humana.

De acordo com Fritjof Capra, em *O ponto de mutação*, estudos de períodos de transformação cultural, em várias sociedades, mostraram que essas transformações são tipicamente precedidas por uma variedade de indicadores sociais, muitos deles idênticos aos sintomas de nossa crise atual. Capra enfatiza, ainda, a inclusão de uma sensação de alienação e um aumento de doenças mentais, crimes violentos e desintegração social.

Contudo, parece simples descrever a crise em um contexto social e cultural do passado em sociedades que tiveram seu apogeu e

declinaram. Mas é difícil ter uma percepção clara desse “fenômeno”, e também vivenciar um “desmoronamento social global”.

Uma atmosfera de desarticulação supostamente encobre a espécie humana, desorientada em seus próprios tropeços, deslumbrada com suas criações, inflexível e desarmônica, propícia à discórdia e às rupturas sociais. Dessa forma, apresenta-se o quadro de crise atual: para uns, pode ser a

© pleskach/PhotoXpress



glória deter o poder, e para outros, a amargura de sentir-se lançado a um destino cruel.

Capra observa que, para minimizar as agruras e provações da mudança, inevitável é reconhecer o mais claramente possível as novas condições e transformar nossas vidas e nossas instituições sociais junto com elas.

Não se sabe ao certo até que ponto estamos preparados ou dispostos a mudar. Nosso berço natural esgota-se a cada dia, a ideia do moderno e do tecnológico invade as inter-relações, e a autossuficiência fecha os olhos para as fontes de matéria-prima e põe em xeque as relações interpessoais.

... o quadro de crise atual:  
para uns, pode ser a glória deter o poder,  
e para outros, a amargura de sentir-se  
lançado a um destino cruel.

No livro *Saber cuidar: a ética do humano*, Leonardo Boff relata que, mais que ao fim do mundo, estamos assistindo ao fim de um tipo de mundo. Enfrentamos uma crise civilizacional generalizada, e observa-se um descuido por tudo que está vivo e um descaso pelo que abriga o “vivo”.

Além disso, a fé e a esperança são sementes que não germinam tão fácil e, a cada dia, constatam-se uma carência e um mal-estar mundiais, vez por outra atribuídos ao abandono da religião. Boff enfatiza que a religião persiste, mas não consegue ser fonte de sentido transcendente para o conjunto da sociedade.

Uma civilização necessita conferir centralidade à religião, como

apregoa Boff em um artigo de 2003, chamado *Civilização da religião*. Não tanto a religião como instituição ao lado de outras instituições da sociedade, mas a religião como espiritualidade, como capacidade de captar o outro lado das coisas e a presença misteriosa de Deus no devir das circunstâncias.

O ser humano moderno parece brincar de Deus. No mesmo *Saber cuidar: a ética do humano*, Boff relata que, através do projeto de tecnociência, o homem passou a acreditar que tudo podia, que não haveria limites para a sua pretensão de tudo conhecer, de tudo dominar e de tudo projetar. Nesse conjunto de atitudes hu-

manas desmedidas, observa-se a ausência do equilíbrio, da sensatez e, por que não dizer, da ética.

Levando em consideração que a ética diz respeito aos costumes, e estando ela preocupada em detectar os princípios de uma vida conforme a sabedoria filosófica, assim como em elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre o meio de alcançá-las, conforme dizem Marconde e Japiassú em seu *Dicionário de filosofia*, realmente vivemos em um período em que poucos reconhecem a ética.

Em *O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade*, Nancy Unger propõe a necessidade de uma nova ética, que nos permita resgatar o senso de cordialidade

e de respeito para com a Terra e seus habitantes.

Para Regis de Moraes, no artigo *Ética e vida social contemporânea*, publicado em 1995 na revista *Tempo e Presença*, a ética (e só ela) pode dar condições de reordenação material e econômica, de reorganização das relações interpessoais, de proteção da dignidade do viver. Afinal, continua ele, a política e a cidadania derivam da ética, como discussão racional da “morada humana”.

Assim, vislumbrada a condição atual do humano, será que passamos pela transição citada por Capra? O planeta terá condição de abrigar a humanidade remanescente dessa crise, também ecológica, de forma saudável? Quais serão os novos paradigmas?

Como bem afirma Unger, na verdade, para que se possa passar a uma outra maneira de proceder, para que se possa ter uma outra postura, é necessária uma transmutação de nossa compreensão do que é real e daquilo que somos; é preciso superar a visão do universo como composto por um conjunto de objetos dos quais nós somos os colecionadores. Precisamos rever nossos conceitos de vida, para que possamos transformar esse momento de crise no fim de uma era de desamor e no começo de um novo tempo! ■

\*Professor de Biologia do Colégio Santo Antônio de Feira de Santana/BA\*\*\*

\*\*Professor de Geografia do Colégio Santo Antônio de Feira de Santana/BA\*\*\*

\*\*\*Escola integrada à RCE, que utiliza livros d'A Vida é Mais

[www.avidaemais.com.br](http://www.avidaemais.com.br)